



O G TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

SÓ PELA LUTA CONQUISTAREMOS O AUMENTO DE SALÁRIOS

Enquanto não existir no País um governo de portugueses honrados e virados para a defesa dos interesses do nosso povo, os trabalhadores, pela luta, terão que defender os seus interesses.

Presentemente, em que o governo apoiado na alta burguesia reaccionária procura garantir a estes lucros cada vez maiores e não se importando de, para tal, sacrificar os interesses nacionais e encaminhar o país para a ruína e uma pobreza sem par na história; na medida em que a classe operária — apesar de ser aquela que mais produz e contribui para o bem nacional — se encontra a braços com uma exploração desenfreada e auferindo autênticos salários de fome e desde há muito ultrapassados pelo aumento constante do custo de vida, vê-se na necessidade de lutar pelos seus interesses organizando-se e unindo-se para que tenha forças suficientes para forçar os patrões e o regime político que os protege, a ceder um aumento de salários que melhore a nossa angustiada situação, para que passemos menos fome, para que tenhamos menos preocupações e possamos vestir melhor, viver em melhores condições higiénicas e tenhamos mais acesso à instrução.

É correspondendo a este desejo justo e humano a que o Governo e os patrões não são capazes de o negar, que a classe operária têxtil tem vindo a lutar por todas as formas legais, junto dos seus sindicatos e I.N.T., através de concentrações e exposições, exigindo um aumento de salários para todas as categorias e nunca inferior a 60 por cento, que seja posto termo ao aumento da produtividade, através da qual nos forçam a trabalhar com um número de teares e outras máquinas superior às nossas possibilidades, do que resul-

ta a ruína da saúde para muitos companheiros e a aplicação de multas por tudo e por nada, a quasi todos nós.

Há pouco, uma comissão de têxteis do Porto, apresentou no seu sindicato, para ser entregue ao M. das Corporações, uma exposição em nome da classe e assinada por mais de 700 que, entre outras reivindicações, pede aumentos de salários que vão desde 70 por cento.

Na Serra da Estrela, porque o aumento concedido no novo C.C.T. aos operários da Indústria de Lanifícios não corresponde ao aumento pedido pela classe nem à carestia da vida, a classe continua a ir ao sindicato protestar e exigir que lhes seja concedido o aumento pedido.

No Minho, a classe tem continuado junto do sindicato e a assinar exposições em que pede um aumento de 60 por cento para toda a classe.

No Sul, na CUF do Barreiro, as nossas companheiras têxteis continuam a defender a saída dum aumento de salários.

Por todo o País, no Minho e no Porto, na Serra da Estrela e em Lisboa, os operários têxteis e de outras classes tem efectuado reuniões para discutirem os seus problemas, quais às reivindicações a pedir e a melhor forma de actuar.

Assim, no Minho e no Porto realizaram-se algumas reuniões em que participaram algumas dezenas de companheiros têxteis. Nessas reuniões foi salientado a situação aflitiva em que a classe se debate e ficaram assentes algumas formas de acção em defesa do aumento de salários, como concentrações no sindicato e como unir e organizar a classe.

Também em Lisboa, numa reunião em que estiveram cerca de 100 operários, estes assentaram numa exposição a enviar ao Ministro e que foi

(continua na página 2)

SALAZAR

apoiá as experiências nucleares

ARTIGO DE UM LEITOR

Nesta hora em que todos os povos do mundo se firmam e acreditam na coexistência pacífica e se conjugam todos as esforços para que da face da terra sejam banidos os horrores da guerra, Salazar e o seu governo aplaudem e defendem as experiências nucleares.

Recentemente referindo-se ao lançamento que a França fez no Saará, os gravados e formais noticiários da Emissora Nacional lançaram para o ar fortes aplausos a De Gaulle e não se cansaram em defender que a experiência daquele enpenho mereceria aumento e prestígio da França e seu governo.

Julgando que em Portugal ainda haja quem creia nas notícias fascistas sintonizadas a messagem que « choveram » felicitações de toda a parte ao governo da França pelos êxitos alcançados com tal arma destruidora, quando toda a nação sabe dos vementes protestos que de todos os recantos do globo chegaram e continuam a chegar contra as experiências nucleares de Saará.

Não contente em sustentar aos portugueses e nível de vida mais baixo da Europa, Salazar desempenha hoje um importante papel na conservação das guerras e materiais bélicos e continua a fazer suportar à nação as enormes e conhecidas despesas militares sem que para isso haja qualquer justificação.

Salazar vê na guerra o melhor instrumento da sua política; por esta razão o seu enviado junto do O.N.U. foi ênico que duvidou da importante proposta sobre o desarmamento completo apresentado por Krutchev, em Setembro último, naquele organismo.

Todas as forças populares e progressivas do país devem repudiar e protestar unânime e contra os armamentos medidos de Salazar que, sob a égide de católico, deseja mergulhar o país numa luta sangrenta e procura, ao mesmo tempo, refúgio nas guerras e na força para se conservar como patrono das masoquistas no País.

As ELEIÇÕES SINDICAIS

que se aproximam

Nos dois últimos números do « Têxtil » dizia-se que este ano se iam realizar eleições nos nossos sindicatos e que era preciso prepararmos-nos para elas. Pois dizia-se já, que era necessário formarem-se Comissões sindicais para uma melhor orientação e mobilização dos trabalhadores para a conquista de direcções da nossa confiança.

A tarefa principal das Comissões sindicais é interessar os trabalhadores, homens, mulheres e jovens na actividade dentro do sindicato e orientá-los para a acção de forma a tornar estes, organismos de defesa dos interesses dos trabalhadores. As Comissões sindicais devem estar ao

(continua na página 4)

(CONTINUAÇÃO DA 1ª PÁG.)

assinada por todos os presentes, formulando algumas reivindicações, tais como aumento de salários.

As acções da classe à volta do pedido de aumento de salários imediato como forma para sairmos da situação angustiante que atravessamos, responde o Governo com a demagogia e as promessas, cujos objectivos não são desconhecidos e para o qual chamamos a atenção de toda a classe. Embora toda a linguagem promissora dos governantes seja motivada pelo impulso da nossa luta, ela tem como fim levar-nos a esperar, cortar a nossa unidade e acção, para melhor continuarem a impor-nos os mesmos salários de fome, cada dia mais desactualizados. São os exemplos vividos na nossa dura experiência que falam, que desmascaram o Governo e nos alertam.

Assim, lembramos que, já em fins de 1958, o sindicato de Tortozendo, autorizado pelo I.N.T. da Covilhã, garantiu aos têxteis quando estes se concentraram no sindicato para pedir o aumento de 60 por cento, que estivessem « desancados » do Sr. Ministro iria dar aumento e este seria, até, superior ao que a classe reivindicava ». Depois de um ano contínuo de luta ampla e insistente junto do sindicato e I.N.T., é hoje conhecido de sobra para os têxteis da Serra da Estrela qual era o objectivo de tais promessas.

No Porto, há mais de dois anos que a direcção do sindicato informou que o Governo iria dar o aumento de 40 por cento. Passado todo este tempo, em que o custo da vida tem continuado a subir e a classe a insistir no seu pedido, está sobejamente demonstrado qual o objectivo que os governantes salazaristas pretendiam atingir, por intermédio do sindicato do Porto.

Recentemente, a má insistência dos nossos companheiros de Guimarães no sindicato, o presidente deste garantir à classe que sua excelência o Ministro « iria responder ao pedido da classe até ao dia 15 de Janeiro ». Como sabemos, o dia 15 passou e com ele lá se foi a promessa do senhor Ministro.

Mas porque não autoriza o Governo que o nosso pedido de 60 por cento seja satisfeito, uma vez que reconhece, pela boca do Ministro das Corporações, que o nosso salário está desde há muito ultrapassa-

A FUGA DOS DEZ PATRIOTAS e a necessidade de uma ampla amnistia a todos os presos políticos

Como temos vindo a salientar nas colunas do nosso jornal, uma Amnistia que abraja todos os presos e perseguidos políticos — não esquecendo todos aqueles que foram obrigados a deixar a nossa terra, como D. António, Bispo do Porto, Humberto Delgado e tantos outros —, é um desejo de todos os portugueses não só do continente como dos que se encontram espalhados pelo mundo inteiro.

Um facto bem recente, mostra-nos quanta alegria sente o povo em ver no seu seio, em liberdade, todos os presos e perseguidos políticos cujos « crimes » apontados são os de luta

do pela carestia da vida?

Porque não é autorizado o aumento à nossa classe, uma vez que a outras, como os funcionários públicos, Carris do Porto, pescadores e outras classes os seus ordenados foram aumentados?

Ou será que a classe têxtil, apesar de ser a maior classe industrial do País e auferindo salários dos mais baixos, tenha o estômago mais pequeno ou nascesse apenas para dar lueros e passar fome?

A resposta sabemos nós, têxteis, qual é. Não é os operários, quem o Governo defende. Porém, tal como nas classes acima citadas que viram apenas os seus ordenados aumentados graças à sua acção persistente e firme, nós temos que fazer o mesmo.

Entretanto, os têxteis estão no bom caminho: efectuar reuniões para al discutirem a situação da classe e de cada empresa e decidirem na melhor acção a desenvolver, é o caminho que se está a trilhar e que acabará por nos levar à conquista dum salário melhor.

Continuar junto do sindicato, do I.N.T. e Ministro, através de concentrações e exposições assinadas a exigir o aumento, é um exemplo que toda a classe deve seguir com firmeza e insistência. Criar Comissões nas empresas e terras para facilitar a unidade e mobilização da classe, é um meio que a classe está a utilizar e que nós não devemos esquecer. As promessas de « irão dar » é bom que respondamos com a continuação da luta, única forma de forçar a ceder o aumento.

rem por um Portugal democrático e independente, por mais pão e pela Paz.

No dia 3 de Janeiro, do Forte de Pêniche, evadiram-se Alvaro Cunha, Carlos Costa, Francisco Martins, Francisco Miguel, Guilherme de Carvalho, Jaime Serra, Joaquim Gomes, José Carlos, Pedro Soares e Rogério de Carvalho, 10 anti-salazaristas, alguns dos quais se encontravam presos há mais de 10 anos e com a saúde abalada.

Ao lado da onda repressiva exercida pela odiosa Pide a mando do Governo e a qual não reflecte senão o medo do povo, a fuga destes dez patriotas encheu de contentamento a Nação inteira. Nos cafés brindou-se publicamente, em algumas empresas e o trabalho paralizou, em Portugal e no estrangeiro os portugueses viveram horas de contentamento por esta vitória.

Em primeiro lugar, a libertação destes patriotas, à qual se deve juntar a fuga de mais 4 democratas das prisões do Porto e da jovem A. Tertra em fins do ano findo, constitui pois uma grande vitória para os democratas e todas as pessoas que desejam ver no país um Governo do povo.

Em segundo lugar, isto permitenos ver quanto seria sentida em todo o território nacional a libertação de todos os que são vítimas da perseguição salazarista.

Como informamos no último número, foi correspondendo ao desejo de todo o povo que na Assembleia de Braga foi aprovada e assinada uma declaração a enviar ao Governo pedindo uma ampla Amnistia, apelo este que está o circular no país para uma ampla recolha de assinaturas.

No que se refere ao desejo dos portugueses que labutam para além das nossas fronteiras, é conhecida a Conferência de S. Paulo realizada a 23 de Janeiro e que, a seguir ao pedido de amnistia anterior com mais de 200.000 assinaturas para ser apresentado a Salazar, resolveu enviar pessoalmente uma delegação de personalidades junto dos governos de Salazar e Franco que, em nome dos portugueses e espanhóis residentes nos países da América Latina, pe-

(continua na página 4)

INFORMAÇÕES DAS EMPRESAS

(CONTINUAÇÃO DA PÁG.ª 1)

Barreiro: — CUF. Muitos operários continuam a não aceitar trabalhar com 4 teares. Na secção de fiação, a introdução de máquinas modernas atirou quase todo o pessoal para 3 dias de trabalho por semana.

Guimarães: — Na Friolax, de Freitas e Filho Ltd.ª — O patrão multa os operários por tudo e por nada. Há tempo multou em 54\$00 cada uma das operárias que ganhavam 17\$00 diários e trabalhavam 5 dias por semana. Esta multa foi aplicada quando as operárias estavam paradas à espera de serviço.

Aproximadamente 15 dias depois foram novamente multados nesta fábrica mais de metade dos operários. Consistiu a multa em 3 dias de trabalho gratuito e a razão era de não darem o rendimento que o patrão pretendia.

No sábado seguinte todo o pessoal multado se recusou a receber o resto da féria só recebiam por inteiro ou não recebiam nada ou que o patrão a enviase à Casa dos Pobres com a explicação do motivo porque o fazia.

Perante a firmeza e a unidade dos operários o patrão cedeu e deu ordem para que dessem por inteiro a féria ao pessoal.

Castanheiro: — Nesta empresa os operários são obrigados a assinar um documento onde se declara que não estão interessados em fazer horas extraordinárias por causa dos dias feriadários.

Com este processo, sempre que existe um dia feriado, os operários vêm reduzida a sua féria pela ausência dum dia de trabalho.

Chafarica: — O mestre Salgado Forniga, como já foi salientado nas colunas do nosso jornal, é useiro e vezeiro em ir para o trabalho bêbado. Quando isto acontece implica pélos motivos mais insignificantes, ou mesmo sem motivo, com os operários. Recentemente agrediu um operário urdidor porque tendo-lhe ordenado para preparar um órgão para prensar uma teia, este não o pudesse fazer pelo facto de não ter nenhum órgão de fio. Este acontecimento causou tanta indignação dentro da empresa que a própria gerência admoestou o mestre.

Porto: — Na empresa da Senhora da Hora, houve aumentos que vão de 2 a 5 escudos. É de notar que deste aumento só beneficiou alguns ope-

rários. Os outros operários indignados, porque o aumento não foi geral, exigem também o aumento. É de salientar que nesta empresa há operários a ganhar apenas 19\$00!

Também nesta empresa, quando uma operária recolhia assinaturas contra o aumento do custo de vida, foi surpreendida pelo encarregado. Este, como represália, multou a operária em vinte escudos e foi ameaçada de despedimento.

Nesta mesma empresa, continua uma exploração infame. As multas são aplicadas sem sequer se dar a conhecer aos operários porque o fazem. Na secção de tecelagem, por exemplo, as empreiteiras quando recebem a féria da quinzena deparam sempre com dinheiro a menos porque lhes é descontado na contagem dos metros de pano. Uma operária, que esperava receber da quinzena 200\$00, recebeu apenas 150\$00.

Nesta secção não passam passes aos operários como acontece nas outras secções, dizendo estarem no «quadro negro».

Na secção dos continuos se as operárias conversam umas com as outras são multadas em 10\$00 ou mais, ou ainda em 8 dias de castigo. Estas operárias têm um salário muito inferior ao dos seus companheiros apesar do seu trabalho ser igual.

Se uma operária tem necessidade de fígur em casa e não dá satisfação, é-lhe aplicada 5 faltas e meio dia para a casa. Se atingir 60 faltas, perde o direito ao descanso.

— Na Empresa Avis, continuam os despedimentos por qualquer mesquinhez. Foram já despedidos 17 operários dos mais antigos. O patrão despede-os e não lhes quer pagar a féria nem as duas semanas a que tem o dever de pagar.

— Na empresa Fonseca Carvalho, os operários pediram armários para guardarem os fatos que traziam para o trabalho e foi-lhes fornecido.

— Na Empresa «Fil», os operários foram avisados pelo patrão que passariam a receber a féria à quinzena. Os operários uniram-se e protestaram contra isso e exigiram que o patrão lhes pagasse uma semana adiantada, o que aconteceu. Aqui também tem havido despedimentos dos operários mais antigos sem justa causa. **Covilhã:** — As metedeiras de fios particulares, o trabalho é muito mal pago. Trabalham uma semana inte-

iramente dos acontecimentos do seu respectivo sindicato para informar a classe e tomarem-se medidas quando há irregularidades da parte do sindicato.

Por outro lado, é necessário que compreendamos a força extraordinária que constitui os mulheres da indústria têxtil e daí a necessidade de atrair essa massa feminina para a participação activa nas eleições sindicais. É necessário que muitos companheiros tenham a ideia de que as mulheres têm um papel activo na vida económica e social. Daí compreender-se que o vitória de qualquer movimento reivindicativo da nossa classe depende em muito da participação da mulher nesse movimento.

Ora, como a maioria do operariado têxtil é feminino, daí se conclui que é imprescindível que a mulher tenha um papel importante no movimento para as eleições que se aproximam. Por isso, há que atrair à operária, o companheiro de trabalho para que a sua voz seja ouvida para a solução dos problemas que lhe afectam de perto lhe loquem. Além dos seus problemas específicos no local de trabalho, a mulher que trabalha fora do lar sofre com a falta de transportes, cafetins que formam racionais, tratos a sós, etc. crescem para deixar os filhos em segurança enquanto trabalha, etc. Por outro lado, a operária têxtil, além de sofrer com as péssimas condições de trabalho comuns a todos os operários, está sujeita a toda a sorte de discriminações que se recebem em muitos casos para o mesmo trabalho realizado pelo homem, um salário muito inferior.

Cabe às Comissões sindicais e aos seus companheiros, procurar interessar os mulheres trabalhadoras na vida dos seus sindicatos através da realização de reuniões onde elas participem em maior número possível para tratar dos problemas que as afligem e incluí-lhes a acessibilidade de se sindicalizarem.

A ideia de que só os companheiros, os homens, é que devem lutar, deve ser combatida. A experiência demonstra que assim não é. Os exemplos que os mulheres têm dado e continuam a dar do seu espírito de luta, como a luta por aumento de salário, contra o custo de vida, contra a produtividade, multas, etc., põe o claro de que se as subermos entre também de forma ampla ao movimento sindical, convidando-as a participar nas Comissões Sindicais e de unidade, será mais fácil conseguirmos a vitória.

Só a nossa acção conjunta impedirá que as eleições nos nossos sindicatos, sejam uma farca. A ideia de que «eles ganham sempre» deve ser posta de lado. Devemos ajudar com paciência e carinho os companheiros, esclarecê-los da necessidade da nossa unidade e da nossa participação activa nas eleições sindicais.

Concorrer em massa às eleições nos nossos sindicatos é a tarefa imediata de toda a classe têxtil, homens, mulheres e jovens.

ra para receberem uns miserios 20 a 30 escudos. Além disso, ainda têm que andar quilómetros com os pesados cortes à cabeça.

Companheiros! Em todas as empresas onde trabalham existe a exploração, maior ou menor segundo a nossa luta em defesa dos nos-

(continua na página 5)

As comemorações do 31 de Janeiro

O povo português de sua ânsia de Liberdade e de Progresso, de Páze de Páze, não deixa passar em branco nenhuma oportunidade de exteriorizar os seus sentimentos e de prestar homenagem aos que se distinguiram pelos mesmos anseios de Liberdade.

Com a passagem do 69.º aniversário do 31 de Janeiro mais uma jornada de luta foi travada contra Salazar. Numerosas democratas de todo o país num documento dirigido aos Portugueses, convidaram-nos a tomar parte nas comemorações desta data, que iniciariam as comemorações do 50.º aniversário da Implantação da República. De norte a sul do país, mais uma vez veio ao de cima a disposição de luta do nosso povo. Organizaram-se delegações em várias terras, muitas distantes, foram elaboradas moções dirigidas ao homenageado das comemorações Dr. António Luís Gomes salientando o papel da Unidade na solução do problema político português, organizaram-se excursões, etc. Do conjunto de todos estes factos resultou que a romagem ao Monumento dos Heróis do 31 de Janeiro constituiu uma larga manifestação, tendo vários milhares de pessoas se concentrado no cemitério do Prado do Repouso, ou à entrada, quando as forças repressivas encerraram as portas do cemitério.

Salazar, porém, tem medo do povo. Por isso fez concentrar sobre o Prado do Repouso o seu aparelho repressivo. A saída do cemitério, depois da porta lateral ter sido fechada, jactos de água foram lançados sobre a multidão enquanto que a polícia entrava à pancadaria. Numerosos carros de polícia armada, inclusive de pistola metralhadora, se concentraram à entrada do Prado do Repouso, num aparato bélico que pretendia intimidar. O candidato da Oposição Democrática, Dr. Arlindo Vicente, foi agredido bem como outros democratas que tiveram de ser socorridos no Hospital Geral de Santo António.

Os milhares de pessoas que participaram na romagem não se deixaram no entanto intimidar. Disseminaram-se pelos arredores e afluíram a manifestar, agora, o seu repúdio pela violência.

Em Braga estava projectada uma romagem da classe operária à campo do combatente do 31 de Janeiro José

Sinões de Almeida. O cemitério apareceu fechado, e um letreiro na entrada principal dizia que se encontrava fechado por motivos imprevisíveis. A volta do cemitério, tal como no Porto, foi montado no aparelho repressivo. A PSP nas imediações do cemitério e nas artérias que a este conduziam apareceu, ao lado da sinistra PIDE, que de modo algum poderia deixar de estar presente. O carro do comandante circulava dando instruções. Nem por isso a classe operária deixou de aparecer e à entrada do cemitério se acumularam as flores que se destinavam à campo do combatente.

Em Guimarães, um aparato bélico sem precedentes foi montado como resposta ao convite dirigido à população vimaranense para uma romagem à campo do democrata Dr. José Pinto Rodrigues. Jeeps, motos da PVI, carros militares, patrulharam durante todo o dia a cidade e arredores, a PSP aos pares fez um cordão à volta do Toural, centro da cidade e ponto marcado para o início da concentração. Desde este largo até ao cemitério sucediam-se grupos de 3 praças da GNR, cada grupo além do equipamento habitual, munido dum metralhadora. Ao lado de todo este aparato, brigadas da PIDE movimentavam-se de grupo para grupo, de café para café. No entanto este estado de força e de violência não conseguiu impedir que um número inculcável de pessoas—toda a cidade veio assistir ao espectáculo—tivesse manifestado a sua indignação, o que foi uma forma dos vimaranenses terem manifestado o seu respeito e homenagem à memória do Dr. José Pinto Rodrigues, já que as forças da GNR não deixavam circular se não grupos isolados e isolaram o acesso ao cemitério.

Todos estes factos que causaram a maior indignação mostram como Salazar tem medo do povo. No Porto, ao seus gritos de liberdade, respondeu com jactos de água e carga de polícia, nas outras localidades fez uma exibição da sua força de armas.

Não será no entanto sistematicamente apoiado nas armas que Salazar poderá governar. O 31 de Janeiro foi um passo em frente, representou já uma larga mobilização de massas e será precisamente o crescer dessa mobilização que afastará Salazar do poder.

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 2)

dem uma ampla Amnistia a todos os presos e perseguidos políticos e que cesse a repressão nestes países.

Na medida em que no país e no estrangeiro os portugueses, unidos pelo desejo de libertação, se levantam contra a repressão, « O Têxtil » não podia deixar de lembrar à classe que, como vítimas que somos da repressão, repressão que vai ao ponto de nos impedir que legalmente defendamos os nossos interesses, devemos dar a nossa activa participação.

Assinar em massa o apêlo de amnistia saído da Assembleia de Braga; apoiar todas as iniciativas que defendam a amnistia e lutar contra a repressão, é defendermos os nossos direitos, é impedir que os salazaristas nos explorem ainda mais.

MENSAGEM DOS OPERÁRIOS

têxteis do Porto

ao Sr. Dr. António Luís Gomes,
PELO 69.º ANIVERSÁRIO
DO 31 DE JANEIRO

COMO O ÚNICO SOBREVIVENTE DO
GOVERNO PROVISÓRIO DA 1.ª REPÚBLICA PORTUGUESA

Excelência,

Os operários da Indústria Têxtil do Porto na passagem do 69.º aniversário da histórica Revolução do 31 de Janeiro, evocando com a mais alta admiração e rendendo homenagem à memória dos valerosos revolucionários desta data, vem através desta simples mensagem saudar muito respeitosamente V. Exa como o único sobrevivente do Governo Provisório da 1.ª República Portuguesa.

Saudamos em V. Exa o português honrado e firme, como figura do mais alta prestígio nacional, que ao lado de outros portugueses tem lutado para que em Portugal seja conquistada a democracia e uma vida feliz para a classe trabalhadora.

No momento difícil da nossa Pátria em que alastram a crise, a miséria, o desemprego, em que o custo da vida atingiu um grau tão elevado em relação aos nossos salários, em que os direitos do homem são violados na classe trabalhadora, os nossos corações de que todas as pessoas honradas, qualquer que seja a sua Ideologia, desejam que se fortaleça no nosso país uma ampla Unidade, para que todas as forças democráticas exijam que seja dada uma Amnistia geral a todos os presos e perseguidos políticos, que sejam respeitadas as liberdades fundamentais ao povo português.

Neste dia em que lhe prestamos homenagem, nossos corações que V. Exa continuará junto com todo o povo a empregar todas as esforços para que em Portugal se estabeleça a Paz, e Liberdade e uma vida feliz para todos os trabalhadores.

31 de Janeiro de 1960

CONVERSANDO

Pela rua abaixo vinham magotes de operários, falo domingueiro, exclamações ridículas soltas no meio das conversas. Também no largo do sindicato a cavaqueira ia animada. Há momentos tinha-se perdido nas curvas da estrada o carro do Dr. Cruz, delegado do I.N.T.

— Ouviste Zé, diz que na França e no Congo Belga viu operários a trabalharem com 50 e 100 teares. Filho duma mãe — comentava o Ventura, raivoso com a afirmação do delegado.

— Se ele estivesse ainda que fosse apenas uma semana lá beira dum tear, não vomitava tanta aldrabice — disse por sua vez, um jovem enquanto acendia um cigarro.

E a conversa continuava. A classe tinha enviado ao Ministro das Corporações uma exposição com cerca de 3.000 assinaturas insistindo no aumento de 50 por cento como constava também que iriam novamente ao Sindicato, e, talvez com o objectivo de fazer esquecer a presença da policia quando da 1.ª concentração, inesperada e repentinamente o Dr. Cruz anunciou a sua visita ao sindicato e a vontade de comparência da classe.

— É rapazes! era a voz do tio Bernardo — amanhã tudo em péso. Vamos bôtar abaixo o sobrado da sala.

E de facto a classe apareceu em péso. Homens, mulheres e jovens. O Dr. Cruz alinhavou meia dúzia de palavras.

— Eu gosto de vos ver aqui. O Sindicato é a vossa casa. Os vossos apêlos de aumento de salários estão a ser estudados pelo governo, no entanto não podem ser atendidos de um momento para o outro. Vocês olham com maus olhos se um operário trabalha com 3 ou 4 teares, enquanto que eu em França e no Congo Belga assisti a exemplos de operários que trabalhavam com 50 e...

— Um berro de indignação se ouviu no meio da sala. O Dr. Cruz suspendeu o discurso.

— Peço a palavra — gritou um operário no meio da malta.

— Silêncio — por traz da mesa alinhada ao fundo da sala, por baixo dos retratos dos 2 odiados Salazar e Tomás, ergueu-se a figura frauzina do Dr. Cruz — eu vim aqui à vossa casa como amigo, não foi para ouvir discursos. Não dou a palavra a nin-

guém. Se quereis comunicarme algum assunto podereis fazê-lo no fim, mas um de cada vez e a sós.

— Peço a palavra...

— Peço a palavra...

— Simultaneamente vários operários pediram a palavra.

— Queremos aumento de salários — gritou uma voz de mulher no meio dos homens.

— Silêncio. Respeitem o Sr. Dr. — gritava o Francisco Tringalhana, presidente da direcção.

— Cala-te que tu és operário também — era de novo uma voz de mulher no meio dos homens.

De repente, sem se dar fé, junto da mesa por baixo dos 2 odiados Salazar e Tomás apareceram 3 homens que tudo indicava terem vindo do meio dos operários. Quem os conhecia no lugar? Nos olhos deles havia a raiva de cães danados. Zé Rola, Tio Bernardo e outros adivinharam a entidade daqueles homens.

— É a PIDE — corria de homem para homem, de mulher para mulher, de jovem para jovem.

Ide embora, tinhosos, — era sempre uma voz de mulher perdida no meio dos companheiros.

O Dr. Cruz não ouviu ninguém. Suspendeu o corolário das suas declarações e perdeu-se nas curvas da estrada enterrado nas molas do assento trazeiro do automóvel. Os 3 tinhosos ficaram a farejar o largo depois de meio dispersa a classe, e agora, não eram apenas 3.

No largo a cavaqueira ia animada. Na roda do Zé Rola, Tio Bernardo, trémulo de nervos dizia:

— Companheiros, não podemos descansar nesta gente. Palavrinhas mansas, o sindicato é a nossa casa, «o nosso assunto vai ser resolvido», «50 a 100 teares». Só a nossa força, a nossa força crescendo de dia para dia, à medida que vamos abrindo mais os olhos, poderá obrigá-los a resolverem os nossos problemas.

— É verdade Tio Bernardo, você tem razão. Vamos para baixo e conversar com o resto da gente para assentarmos o que se deve fazer. — Zé Rola, meteu o braço no do amigo e com o resto da malta desceram do lugarejo.

No largo ficaram os tinhosos farejando, depois, eles também, se meteram à estrada e o motor da carrinha arrancoo rumo à cidade.

FALAM OS NÚMEROS

— Em 10 anos, os países pertencentes à organização militar da NATO, dispenderam mais de 500 biliões de dólares para fins militares.

— Esta soma dava para construir 50 milhões de casas de habitação, 250.000 escolas e 50 mil hospitais.

— Segundo o «Século» de 23-12-59, em Angola, «as obras de construção dos edifícios já aprovados arrastam-se de tal modo que nunca um liceu, ou escola técnica, se constrói em menos de 4, 5, 6 ou mais anos e quando essa construção se conclui já a lutação prevista se encontra largamente excedida».

— O que os jornais diários não podem dizer é que para uma população de 12.000.000 de habitantes que tem o conjunto de Angola, Moçambique e Guiné, apenas 236.029 são considerados civilizados, o que nos dá bem a ideia da política de «civilização» — que se deve dizer exploração — e «progresso» do Governo, nas colónias.

— De acordo com o «Jornal de Notícias» de 5-1 do corrente ano, a freguesia de Atães, pertencente ao conselho de Guimarães, apesar de distar apenas 6 quilómetros da sede do conselho, não tem estradas que a sirvam — o que priva os médicos de se deslocarem a Atães — o cemitério está abandonado e não tem edifício escolar.

— Hoje ficamos por aqui. Apesar de citarmos apenas três casos, eles não são isolados. Qualquer deles mostra a necessidade de vivermos uma política de Paz, o muito que conhecemos quanto à impossibilidade de educação e o abandono a que o povo e muitas povoações estão votados. Se calhar é por isto que os salazaristas nos seus discursos de propaganda dizem que ainda «há muito a fazer»...

(CONTINUAÇÃO DA PÁG.ª 3) seus direitos.

Se forjarmos a nossa unidade e lutarmos em cada empresa não seremos capazes de conquistar melhores salários, de impedir um esforço no trabalho superior às nossas possibilidades, de impedir as multas e castigos, forçaremos o cumprimento de todas as regalias a que temos direito e estaremos em melhores condições de nos ser assegurado o trabalho e impedir os despedimentos,

DEMISSÃO DE SALAZAR

Em cada dia que passa a classe operária e as restantes classes do país assistem a um agravamento contínuo das suas condições de vida. Não vai longe a data em que o governo, depois das grandiosas jornadas de luta da campanha presidencial de 1958, anunciou que o aumento nos vencimentos do funcionalismo público não traria consigo um aumento do custo de vida. No entanto, de norte a sul do país, assiste-se a uma contínua e assustadora subida nos preços dos géneros e outros artigos necessários à alimentação e agasalho do povo.

Este agravamento constante do custo de vida, o clima de inquietação em que se vive, desde as cidades às aldeias, cuja pacatez é muitas vezes cortada pelas forças repressivas, que até aí vão semear o pânico e o terror, a exploração a que se assiste nas empresas e nos campos, tudo é a consequência do regime de Salazar e da sua política anti-nacional.

O nosso povo experimenta na pele o peso deste regime arbitrário, daí a demissão do seu primeiro responsável — Salazar, responder a um desejo completamente nacional.

Hoje, porém, este desejo não é já apenas um sentimento exclusivo do país, mas inclusivé até, um sentimento internacional.

Através do seu reinado que vai em 33 anos, Salazar foi-se desmas-carando, mesmo para alguns, que em dada altura, viram nele um presumível defensor dos seus interesses. Hoje o descontentamento cresce no país e cada vez se torna mais claro que Salazar não fez mais do que proteger o alto capital, esmagando os interesses da grande maioria da população, mantendo-a na ignorância, na miséria e no terror através da acção repressiva da PIDE. Os métodos criminosos empregados por esta policia são conhecidos além fronteiras, contra eles, contra a política repressiva de Salazar, e numa atitude solidária com a luta do povo português se vêm desenvolvendo acções no estrangeiro.

Salazar não pode mais governar contra a vontade do povo. Este é um sentimento que existe desde a classe operária até à pequena e média burguesia. No entanto Salazar continua a governar, não obstante contra ele, contra a sua política, se desenrola-

ram dentro das nossas fronteiras variadas e por vezes potentes acções. A classe operária, a classe média, os intelectuais, comerciantes, militares e católicos, além de virem a desenvolver uma luta pelos seus problemas próprios desenvolvem também no plano político uma luta contra Salazar.

Esta luta, porém, como não é ainda uma junção de forças contra o mesmo inimigo, vem permitindo que Salazar se mantenha no poder contra a vontade dos portugueses e donde sairá pela acção unida e decisiva de todo o povo.

Conscientes de que assim é, muitos operários têm-se lançado em reuniões de empresa, de classe, de localidade e discutindo os passos a dar com vistas a determinados problemas políticos, que no fundo são acções contra Salazar. Recentemente um problema se pôs em foco — o 31 de Janeiro — outros porém, tais como a Amnistia, o Recenseamento, as Comemorações do 50º Aniversário da República, as eleições para Deputados em 1961, são susceptíveis de criar à sua volta uma ampla movimentação de operários. No momento presente as forças democráticas iniciaram com o 31 de Janeiro as Comemorações do 50º Aniversário da Implantação da República. Está ou não interessada nestas comemorações a classe operária? Evidentemente que está e a prova é visível através da sua presença massiva no 31 de Janeiro. À volta das mencionadas cabem todos os outros problemas. É a classe operária pela sua experiência de luta, pela sua combatividade e consequência, poderá imprimir a este 50º Aniversário da Revolução do 5 de Outubro aquele carácter de massas, que o regime tanto teme, por saber que ele lhe há-de ser fatal.

Um dos problemas a que nos referimos — o recenseamento — pela importância que tem, merece ser olhado com uma atenção especial. Sem eleitores não se podem ganhar eleições. Diz-se com frequência: — o regime comete toda a casta de fraudes e trapassas, e isto é verdade. No entanto é também verdade que nas últimas eleições a grande maioria do nosso povo não podia votar por não estar recenseado. No dia em que o recenseamento tiver um ca-

FUNDOS

Rubricas recebidas:

Agostinha	1.50
As duas crianças	1.00
Amigos da liberdade	42.00
Dois têxteis 1 grupo	18.50
T. G.	5.00
liberário	5.00
Lista n.º 1022	20.00
» 1024	1.50
» 1041	16.00
» 1139	20.00
» 1146	1.00
Louro	2.50
Os que lutam pela liberdade	22.50
Operários aludom a « Têxtil »	38.50
Operário de Braga	1.50
Os que lutam pela Paz	22.50
Pela queda do fascismo	30.00
»	30.00
Palco V.	2.50
Republicano I.F.P.	3.00
Trabalhadores liberais	18.00
Três têxteis F.	2.00
Têxtil (T)	65.00
Um grupo de trabalh. liberais	26.50
Um democrata	3.00
Um republicano	5.00
Uma amiga têxtil	2.50
Uma ndl	1.00
X	2.50
Recebemos não especificado	69.50
TOTAL	47.50



— É o povo que exige que ele tome esta direcção! ...

rácter massivo, isto é, no dia em que acorram a recensearem-se todos os cidadãos com direito a voto, e não apenas aqueles mais políticos de entre o nosso povo, o regime terá muitas dificuldades em cometer as mesmas fraudes e trapassas.

Através de todas as acções que porventura sejam desenvolvidas à volta do 50º Aniversário da República e dos outros problemas, criar-se-á um potente movimento de massas que poderá mesmo levar à DEMISSÃO DE SALAZAR.